



INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

CAMPUS CHARQUEADAS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

LÍLIAN KÉTLI DE SOUZA

**RODAS DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A CONSTRUÇÃO
DE UM ESPAÇO DE DIÁLOGO PARA PRESERVAR VIDAS**

Charqueadas

Agosto de 2019

LÍLIAN KÉTLI DE SOUZA

**RODAS DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A CONSTRUÇÃO
DE UM ESPAÇO DE DIÁLOGO PARA PRESERVAR VIDAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Charqueadas do Instituto Federal Sul-rio-grandense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Dr^a Maria Raquel Caetano

Charqueadas

Agosto de 2019

S729r Souza, Lílian Kétli de

Rodas de conversa na educação profissional: a construção de um espaço de diálogo para preservar vidas./ Lílian Kétli de Souza. – 2019.

48f.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Câmpus Charqueadas, Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, Charqueadas, RS, 2019.

“Orientador: Profa. Dra. Maria Raquel Caetano.”

1. Educação profissional. 2. Adolescência - Suicídio - Prevenção. 3. Rodas de conversa - Suicídio - Prevenção. I. Título.

CDU 377
CDU 004.43

Catálogo na Publicação:

Bibliotecário Fernando Scheid - CRB 10/1909

LÍLIAN KÉTLI DE SOUZA

**RODAS DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A CONSTRUÇÃO
DE UM ESPAÇO DE DIÁLOGO PARA PRESERVAR VIDAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em _____ de agosto de 2019

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Maria Raquel Caetano

IFsul-Campus Sapucaia do Sul - ProfEPT
Orientadora

Prof^ª. PhD. Patrícia Mendes Calixto

IFsul-Campus Sapucaia do Sul - ProfEPT

Prof^ª. Dr^ª. Jaira Coelho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ASSERGS

À Leonir, minha mãe, sem ela nada seria e nada haveria.

À Marina, minha filha, concebida durante o mestrado, luz da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas:

Ao meu colega de mestrado, Arthur, que, em uma conversa informal, ainda no início de nossa jornada na empreitada de nos tornarmos mestres, auxiliou-me a perceber o quanto era grande a minha vontade de escrever este trabalho.

A minha colega de mestrado, Tatiana, por estar ao meu lado neste período, incentivando e auxiliando sempre que possível.

A minha orientadora, Raquel, pois sem ela eu não teria cursado o mestrado. Ela acreditou em minha capacidade e força de vontade. É alguém que considero imensamente e que me inspira a ser uma pessoa melhor.

Ao Guilherme, meu parceiro de vida, pois sou feliz por tê-lo comigo, por poder dividirmos todas as ansiedades e inseguranças, por nos apoiarmos mutuamente, por seres o meu amor.

RESUMO

A educação profissional é uma modalidade de ensino que prepara os alunos para o mundo do trabalho e, por isso, deve estar alinhada com as demandas advindas do contexto social dos estudantes. Este trabalho, resultado de uma pesquisa, relata uma experiência de campo com alunos adolescentes do curso normal de formação de professores de nível médio de uma cidade da região carbonífera situada do interior do Rio Grande do Sul. No grupo de alunos, pesquisou-se a existência de fatores de risco relacionados ao comportamento suicida e ao suicídio, utilizando rodas de conversa como metodologia investigativa e de levantamento de dados como possibilidade de ação interventiva no ambiente escolar. Os resultados alcançados a partir da realização da pesquisa com estudantes do ensino médio, Curso Normal, confirmaram a necessidade do projeto e validaram as rodas de conversa como produto educativo dotado de potencial preventivo, comprometido como desejo de uma educação integral centrada na pessoa humana. A formação integral é completa e proporciona ao aluno a capacidade de leitura do mundo e da sua realidade. Ela promove saúde e qualidade de vida, gerando cidadania.

Palavras-chave: Educação profissional. Adolescência. Suicídio. Rodas de conversa. Prevenção.

ABSTRACT

The professional education is a teaching modality that prepares students to the world of work and, because of that, it needs to be lined with the student's social background demands. The current thesis is a result of a research that describes a fieldwork with teenager's students attending the Basic Teacher Training in a High School. This school is located in the countryside of the state of Rio Grande do Sul, in a region known as Carboniferus Region. In this group of students, were researched the existence of risk factors related to the suicidal behavior and suicide in general. The method chosen was the investigation through dialogue circles and collection of data as the possibility of intervene in the school environment. The goals achieved from the research with the students attending the Basic Teacher Training confirmed the necessity of the project and supported the dialogue circles as an educational product endowed with the capacity to prevent suicidal behaviors and suicide in general. As well as the engagement with a wish of an integral education centered in the human being. The integral formation is complete and offers to the student the strength of reading the world and the reality by yourself. This modality of education also promotes health and quality of life, resulting in citizenship.

Key words: Professional Education. Teenager. Suicide. Dialogue Circle. Prevention.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 O Curso Normal de nível médio como proposta de educação integral	15
2.2 A adolescência e suas inferências: notas relevantes para delinear o planejamento de uma intervenção no ambiente escolar.....	17
2.3 Suicídio: o perigo que ameaça a vida	20
2.4 Sintomatologia suicida na adolescência	23
3 METODOLOGIA.....	26
4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)	29
5 VALIDAÇÃO DO PRODUTO	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL	46
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO.....	48

APRESENTAÇÃO

Ao decorrer da formação acadêmica e da jornada profissional da mestranda, houve questões inquietantes e que a fizeram refletir muito. Entretanto, uma, entre elas, hora ou outra pairava obsoleta na mente, ecoando sem respostas, mas ansiando por atenção.

Compreender os motivos que levam os jovens a tirarem a própria vida é a dúvida precursora que moveu esta empreitada. Mesmo sem o poder de resposta a essa pergunta, a realização deste estudo forneceu subsídios que permitem dialogar sobre essa questão com maior propriedade.

Sendo a psicologia a formação inicial da mestranda, esta lhe guiou a diagnosticar o fenômeno do suicídio entre adolescentes enquanto uma situação que necessita de atenção e do planejamento de ações interventivas no ambiente escolar para a melhoria do processo educacional.

Trazer para dentro da escola um projeto de prevenção ao suicídio foi algo realmente desafiador. Afinal, falar sobre qualquer temática relacionada ao comportamento suicida ainda é um tabu, mas esse é um dever necessário. Isso porque inúmeras vidas se extinguem através do suicídio todos os anos, no mundo inteiro.

Com intuito de saciar o desejo pela obtenção de conhecimento acerca de sua dúvida primordial, surgiram, pelo caminho da acadêmica, muitas variáveis que se demonstraram importantes e serviram para delimitar o problema de pesquisa, definindo aspectos que seriam ou não contemplados neste estudo. Aos poucos, a intenção tomou rumo para a investigação sobre os fatores existentes na adolescência percebidos pelos alunos do Curso Normal como associados ao risco de suicídio.

Para realizar a tarefa proposta, foi adotada uma metodologia que permite entrar em contato com a realidade dos sujeitos, dando voz aos aspectos subjetivos do fenômeno pesquisado. Isso foi atendido ao adotar o estudo de caso etnográfico em educação como guia.

Ainda era preciso conceber uma forma para estabelecer contato com os estudantes e coletar os dados para a análise da questão proposta. E então, neste momento, vislumbrou-se a possibilidade de realizar a pesquisa e, ao mesmo tempo, promover uma

ação preventiva, utilizando as rodas de conversa como ferramenta de trabalho e como produto educativo.

Os estudantes do segundo e do terceiro ano do Curso Normal da escola em que o estudo se realizou foram convidados a participar como voluntários da pesquisa. A proposta era trabalhar com um grupo com, no máximo, quinze alunos, sendo recrutados onze participantes.

Antes do contato com os sujeitos, houve o aprofundamento teórico sobre a educação profissional e o Curso Normal de formação de professores. Além disso, fizeram estudo acerca dos aspectos relacionados à fase da adolescência.

De acordo com a educação profissional, conforme ela é concebida neste estudo, a educação deve ser entendida como uma política social, capaz de promover a integração dos saberes escolares com os saberes do cotidiano. Assim, precisa qualificar os sujeitos para que se emancipem e adquiram cidadania.

Já a formação de professores em nível médio é denominada normal e possui currículo integrado, garantindo o direito a uma formação completa, proporcionando a capacidade de leitura do mundo e da realidade em que os sujeitos estão inseridos. O currículo integrado tem seu projeto pedagógico acima de tudo centrado na pessoa humana.

Realizar um projeto que leva até a escola e aos alunos o diálogo aberto sobre assuntos emergentes e contemporâneos que permeiam o meio social dos adolescentes se demonstra completamente compatível com a formação proposta pela educação profissional e pelo Curso Normal. Dessa forma, conversar com os adolescentes sobre fatores de risco que se associam ao comportamento suicida e ao suicídio é parte imprescindível do caminho para se pensar em estratégias de prevenção.

A adolescência é considerada uma fase de vulnerabilidade, sendo necessário entender que existem fatores de risco que podem levar ao ponto dos sujeitos pensarem a desistir de suas vidas. Então, para compreendê-los, é essencial levar em consideração os contextos históricos, políticos e culturais em que esses sujeitos estão inseridos.

Neste sentido, a escola, por ser a instância responsável pela educação, que é o cerne do desenvolvimento social e inclui automaticamente tudo que é histórico, político

e cultural, deve participar desse processo. Ela precisa fazer parte de um diálogo contínuo que objetiva a superação dos conflitos que emergem no período da adolescência e que se configuram como fatores de risco nessa fase da vida.

As rodas de conversa evidenciaram aspectos e demandas particulares do grupo de alunos do Curso Normal, promovendo um diálogo focado em questões-tema pertinentes aos sujeitos. Assim, essas rodas vão delinear o projeto conforme as necessidades manifestas pelos próprios participantes.

A vivência com o grupo de alunos oportunizou compreender como a escola pode se afirmar enquanto local possível para a prevenção ao risco dos comportamentos suicidas e do suicídio entre os adolescentes. Ela pode - e deve - ofertar o que propõe a educação profissional: a atenção integral aos alunos.

1 INTRODUÇÃO

A educação profissional de nível médio se diferencia por não ter como objetivo apenas a preparação dos alunos para o mundo do trabalho, interpretado como princípio educativo. Dessa forma, a formação deve ser integral e integrada, o que proporciona a capacidade de leitura sobre o mundo, promovendo a cidadania.

O Curso Normal de nível médio se caracteriza como educação profissional. Nessa etapa, os cursistas se preparam para obter o médio completo, ao mesmo tempo em que se profissionalizam como docentes aptos a atuarem na educação infantil e nas séries iniciais.

Grande parte dos alunos do Curso Normal é composta por adolescentes. Portanto, configura-se, como uma demanda, trabalhar dentro do curso temas que sejam pertinentes a essa faixa etária, permitindo a reflexão como uma estratégia de atenção integral a esses alunos. Essa ideia soma positivamente em sua formação acadêmica e, também, nas diferentes dimensões de suas vidas.

A saúde mental é primordial para que se possa realizar qualquer tipo de atividade, uma vez que possui relação com todos os aspectos da vida, influenciando e sendo influenciada por múltiplos fatores sociais, genéticos, psicológicos e ambientais. Assim, desvendar os fatores existentes na adolescência que são percebidos pelos alunos do Curso Normal, como associados ao risco de suicídio, colabora para a melhoria da saúde mental dos estudantes e viabiliza a educação integral.

Além disso, promover a educação profissional integral inclui estimular estratégias de cuidado à saúde mental dos educandos. Essas devem ser pensadas levando em consideração a identidade dos alunos, o que, por sua vez, envolve aspectos biopsicossociais que devem ser observados.

O objetivo deste estudo é investigar os fatores existentes na adolescência que são percebidos pelos estudantes do Curso Normal, como associados ao risco de suicídio. Isso se dará através da abordagem de assuntos emergentes na adolescência, a partir de rodas de conversa, visando identificar como esses fatores de risco se manifestam ou não neste grupo.

Focar em estratégias que melhoram a saúde mental dos estudantes, além de ir ao encontro da proposta de educação integral, é uma forma de evitar e combater riscos que afetam diretamente a vida dos sujeitos. Existem vários fatores que podem interferir de forma trágica no curso da vida, e esses fatores advêm de diversas ordens. Neste trabalho, serão abordados fatores de risco que se julgam estar associados ao comportamento suicida e ao suicídio.

Falar sobre qualquer temática relacionada ao comportamento suicida e ao suicídio ainda é um tabu. Porém, trata-se de um dever necessário visto que inúmeras vidas se extinguem através do suicídio todos os anos, no mundo inteiro. Dentre as vítimas, muitos frequentam a escola, o que obriga a pensar na urgência de esforços na área da educação que contribuam na preservação da vida como foco.

Dessa forma, neste estudo, pretende-se promover um espaço de trocas de informação com os alunos do Curso Normal. As rodas de conversa devem contribuir para abordar e problematizar assuntos potencialmente geradores de fatores de risco que se relacionam ao comportamento suicida e ao suicídio.

Este trabalho visa discutir o esforço necessário em traçar ações que possam ser acolhidas pela escola e aplicadas dentro do ambiente escolar. Elas precisam ser eficazes e capazes de envolver os alunos na manutenção de sua saúde mental.

É importante classificar como fator preventivo o envolvimento da escola para a detecção de fatores de risco associados ao comportamento suicida e ao suicídio. Assim, é propósito deste estudo ser precursor na desmistificação do preconceito relacionado à abordagem de fatores de risco ao comportamento suicida e ao suicídio na escola, conscientizando a comunidade escolar quanto à possibilidade da escola assumir a responsabilidade de ser um local cuidado integral e de proteção ao aluno.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1O Curso Normal de nível médio como proposta de educação integral

O ensino médio é a etapa escolar na qual devem ser consolidados os conhecimentos, permitindo a formação do cidadão pleno que seja capaz de se inserir no mundo do trabalho. Preparar para o mundo do trabalho significa ir além de uma formação conteudista. Trata-se de gerar um conhecimento libertador, que fomenta a crítica e a reflexão a partir da interdisciplinaridade (AZEVEDO, 2014).

O ensino médio é uma etapa de educação cujas bases objetivam a elaboração de práticas pedagógicas que articulam o conhecimento científico com a realidade que é experienciada pelos alunos. O resultado desse processo educativo é a perspectiva de transformação da realidade (AZEVEDO, 2014).

A realidade só pode ser transformada através de uma nova organização para a construção do conhecimento (AZEVEDO, 2014). É preciso que essa se diferencie da educação tradicional e que seja um modelo concretizado pelo combate à fragmentação disciplinar, promovendo a aprendizagem voltada ao contexto específico dos indivíduos, o que gera significados totalizadores.

Promover a educação profissional de nível médio de qualidade significa alcançar a formação humana. Para isso, é necessário gerar transformações na vida dos sujeitos e em suas realidades, combatendo a dualidade através da integração entre os conhecimentos, tendo como base o trabalho, a ciência e a cultura.

Pode-se dizer que o primeiro passo na caminhada rumo ao trabalho docente e à familiarização com o ofício de professor(a) pode ser dado ao cursar a modalidade Normal de nível médio. Cada instituição, conforme Dourado (2016), possui liberdade para a organização curricular de seu Curso Normal de formação de professores. Porém, todos os cursos devem seguir as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação dos profissionais de magistério.

A formação de professores em nível médio deve ter seus princípios pautados na interdisciplinaridade. Além disso, deve fomentar a ética e a sensibilidade afetiva, promovendo a obtenção de conhecimentos pedagógicos através da articulação entre teoria e prática e investigação e reflexão crítica (DOURADO, 2015).

Um projeto que forma para o exercício do magistério deve estar voltado para as demandas sociais. Isso significa contemplar as questões socioambientais, éticas, estéticas e relativas à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade (DOURADO, 2016).

Dourado (2015) discute sobre as diretrizes curriculares que devem permear os cursos que habilitam a desempenhar o magistério, enfatizando que é imprescindível que haja:

[...]centralidade do trabalho como princípio educativo na formação profissional, como também pelo entendimento de que a pesquisa se constitui em princípio cognitivo e formativo e, portanto, eixo nucleador dessa formação. (DOURADO, 2015, p. 315).

Compreendendo o trabalho como princípio educativo, faz-se importante, para os cursos de formação de professores, a produção de práticas pedagógicas e a ocorrência de estágio supervisionado. Isso propicia o enriquecimento da formação através da experiência, que é essencial para que haja aprendizagem mais eficiente e adequada(DOURADO, 2016).

Ingressar no Curso Normal significa afirmar a existência do desejo em seguir profissionalmente atuando na área da educação. Isso exige, além de vasta bagagem de conhecimentos pedagógicos, a capacidade de lidar com desigualdades e diversidades, a evolução de um senso de responsabilidade e justiça social e o comprometimento com o desenvolvimento humano integral, que requer, por sua vez, uma formação pautada no princípio da integralidade.

A menção ao conceito de integralidade aparece nas diretrizes para uma educação profissional transformadora, referindo-se à compreensão de que a educação e o ensino devem ser pensados utilizando práticas pedagógicas que compreendam o ser humano em sua totalidade (PACHECO, 2015). Para isso, devem-se levar em conta diferentes aspectos de sua existência, ou seja, diferentes dimensões de sua vida.

Formar o ser humano integralmente significa compreendê-lo através da perspectiva da integralidade, entendendo que a aprendizagem não envolve somente processos cognitivos, mas que cada indivíduo possui uma natureza biopsicossocial e que diferentes dimensões refletem e interferem em sua experiência escolar. Assim,

assumir o desafio com a formação integral só poderá acontecer em um ambiente que valoriza ações de extensão que possibilitem expandir as dimensões da realidade dos sujeitos abarcadas aos processos educativos (PACHECO, 2015).

Portanto, a atitude chave, de acordo com Pacheco (2015), é a escola ser capaz de construir e manter um diálogo permanente com os diferentes atores envolvidos no processo educacional. É essa participação que apontará as necessidades emergentes e concretas de cada comunidade.

A escola deve se aproximar não somente do aluno, mas de seu contexto, de sua família e de seu território social (AZEVEDO, 2014). Assim, poderá coletar dados de diversas fontes, permitindo a geração de informações capazes de revelar necessidades e interesses peculiares da comunidade na qual a escola se encontra. Dessa forma, surge a possibilidade da organização de um currículo desenhado especificamente para a formação dos sujeitos que nela estudam.

A educação integral promove o ensino que contempla, de forma ampla, as necessidades do aluno, usando, para isso, práticas pedagógicas que atendem as demandas apresentadas pelos sujeitos em suas diferentes dimensões, objetivando formar para o mundo do trabalho e para a cidadania. Praticar a educação integral é ouvir e ver os alunos, a comunidade e seus problemas, estar imerso em sua realidade para, a partir disso, pensar em estratégias que possam ser executadas com intuito de transformar essa realidade para melhor.

Esta pesquisa acredita que é possível interferir, de forma positiva, sobre a realidade dos alunos e da comunidade. É importante salientar, inicialmente, que o ensino médio, que inclui a habilitação para o desempenho do magistério, é uma modalidade de educação profissional que forma os sujeitos integralmente.

Sendo assim, permite-se, no espaço escolar, a ocorrência de trabalhos como este, que envolve diferentes dimensões da vida dos sujeitos: sociais, psicológicas e educativas, por exemplo. Porém, acima de tudo, pretende-se, com este estudo, transformar realidades, cumprindo com o papel da integralidade, da educação centrada na pessoa humana e do ensino potencializador e de qualidade.

2.2 A adolescência e suas inferências: notas relevantes para delinear o planejamento de uma intervenção no ambiente escolar

Ao se falar sobre adolescência, geralmente se pensa no estereótipo de indivíduos tomados por incontáveis sonhos e ideias, vivendo um período de experimentação, em que tudo é sentido com intensidade, com a existência de várias possibilidades de ser. Nesse caso, cada um é livre para inventar sua própria narrativa, convivendo com as inquietações e indecisões que, de certa forma, tudo isto provoca.

Os adolescentes transitam em vários ambientes, como o familiar, o comunitário e o escolar. A escola desempenha, junto a essa classe de sujeitos, o papel de possibilitar que os adolescentes venham futuramente a ter uma melhor colocação no mundo do trabalho. Porém, essa é somente uma de suas atribuições, pois a educação deve, acima de tudo, estar compromissada com a formação de bons cidadãos para a convivência em sociedade, independente de profissões.

Para que a escola cumpra seu papel educativo e social junto aos adolescentes, é importante que exista, por parte dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, a produção de saber técnico sobre essa fase da vida. Isso Bock (2007) considera ser uma atitude eficaz para a capacitação de profissionais de diversas áreas, instrumentalizando para lidar com esses sujeitos de maneira competente.

Para a compreensão dos problemas sociais que envolvem a adolescência na contemporaneidade (BOCK, 2007), é preciso partir do estudo sobre a adolescência, levando em consideração a sua natureza histórica, tomando como base a perspectiva sócio-histórica em psicologia. Acerca disso, Rappaport avalia que:

A adolescência é uma invenção cultural. Nos grupos tribais, ou historicamente diferenciados da cultura ocidental, não ocorre o longo período que separa as atividades infantis da plena integração do sujeito ao grupo produtivo e reprodutor. A criança é tida como tal, até que as maturações e alterações biológicas iniciem a puberdade e caracterizem sua passagem para o grupo adulto. Normalmente nestes grupos há um ritual de passagem, às vezes antecedido por um período de recolhimento que caracterizará oficialmente a entrada nas relações adultas. (RAPPAPORT, 1982, p. 11).

Retomando historicamente o princípio dos estudos sobre adolescência na sociedade (BOCK, 2007), encontra-se a contribuição da psicanálise para sua caracterização, principalmente na ligação dessa etapa do desenvolvimento humano ao momento em que existe a emergência da sexualidade. Porém, somente em meados da década de 70, a adolescência se institucionalizou, sendo apresentada a partir do conceito

de moratória definida por Erick Erickson (1976) em sua obra denominada “Identidade, juventude e crise”.

O conceito de moratória popularizou-se ao se referir à fase da adolescência. O termo expõe a ideia de um tempo de vida destinado para ensaio e erro, em que não existe o comprometimento real e, sim, a liberdade para experimentações, ou seja, um tempo de espera.

O campo da psicologia sempre estudou questões relacionadas ao desenvolvimento humano. Quanto à fase da adolescência, é consoante a importância da conceituação do processo de aquisição da identidade para que se compreenda a transição dessa etapa para a vida adulta.

Como principais contribuições da obra de Erickson sobre identidade, estão suas caracterizações que concluem que a adolescência é uma fase marcada pela busca de si, pela tendência grupal, pelas atitudes sociais reivindicatórias, pelas contradições, pelo afastamento dos pais e pelas flutuações do humor (BOCK, 2007). Discorrer sobre a busca da identidade, conforme Rappaport (1982), inclui entender que ela se desmembra e se compõe enquanto identidades sexual, profissional e ideológica. No processo de definição dessas escolhas, afloram os prós e contras de cada opção, o que gera angústia e conflitos.

A adolescência, costumeiramente tratada como um período conturbado e de crises, significa entrar em um caminho desconhecido devido às diversas alterações advindas desse período. É uma fase na qual, ao mesmo tempo em que acontecem a puberdade e as mudanças corporais, se inicia a etapa em que a sociedade cobra dos indivíduos que definam seus futuros profissionais. Tudo isso acontece concomitante ao momento no qual se adentra a etapa de questionamento sobre sua sexualidade. (RAPPAPORT, 1982).

Entende-se que a adolescência é de natureza biopsicossocial, podendo-se dizer que ser adolescente é viver na condição social de adolescente. Essa é uma faixa etária em que as transformações são tanto físicas quanto psicológicas, passíveis de diversas variações, de acordo com cada sociedade e cada momento histórico.

Por ser um período no qual naturalmente o ser humano passa por conflitos, pode ser difícil de determinar se a experiência vivida por cada sujeito é saudável ou não. Por

isso, Bock (2007) ressalta que um diferencial está na observação das relações do sujeito com o mundo social, levando em conta se as influências às quais está submetido em seu meio são positivas ou negativas.

Observando esses aspectos ao refletir sobre a prevenção do suicídio no ambiente escolar, Pinheiro (2015) explicase com a existência de características da depressão em adolescentes levando em consideração as experiências biopsicossociais às quais estão imersos. Estar atento às mudanças de comportamento do adolescente é crucial nesse período, pois a presença de sintomatologias exige suporte profissional, mas a detecção pode ser realizada através da aproximação com o aluno e do diálogo aberto.

Ter conhecimentos prévios sobre a etapa da adolescência e compreender os diversos processos de mudanças que ela envolve é essencial, pois, à medida que existe um problema instalado, ele é sempre multidimensional. Isso significa envolver diferentes aspectos da vida do sujeito que o levam a adoecer psicologicamente. (PINHEIRO, 2015).

Segundo Pinheiro (2015), a prevenção na escola acontece através de um conjunto de ações capazes de interferir na causa da doença. Melhorar a comunicação e estabelecer redes de contatos são passos importantes no processo, sendo estratégias favorecidas pelo espaço social escolar. Alternativas como atividades grupais são positivas, uma vez que têm como foco a expressão saudável das emoções.

O grupo escolar com o qual o adolescente convive compartilha, de certa forma, experiências notórias que demarcam essa fase da vida. As interações e trocas dessas experiências, a partir de intervenções preventivas planejadas, pode ser algo promissor no auxílio ao estabelecimento de formas de enfrentamento e adição de comportamentos mais saudáveis e funcionais.

2.3 Suicídio: o perigo que ameaça a vida

Durkheim (2000), ao conceituar o fenômeno do suicídio, estipula que se trata de uma espécie de morte caracterizada por decorrer de um feito da própria vítima. Pode acontecer ao se realizar um ato positivo que é aquele que implica diretamente na morte, ou através de atos em que não acontece de imediato a morte, mas que possui a morte como efeito, tendo uma relação de causalidade indireta, o que o autor denomina como forma negativa.

Segundo o próprio Durkheim (2000), essa é uma definição incompleta, sendo necessário diferenciar a morte quando é cometida por alguém com problemas mentais, com sintomas psicóticos (tais como alucinações e delírios), distanciando-se de uma percepção verdadeira da realidade e da morte quando existe a plena consciência sobre o ato. Isso significa que, ao iniciar o diálogo sobre suicídio, é imprescindível um conhecimento de causa. Sejam quais forem os motivos que levam a desistir da vida, para que se considere suicídio, a vítima deve saber o resultado de sua conduta ao agir.

Chama-se suicídio todos os casos de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela saiba que produziria esse resultado. A tentativa é o ato assim definido mas interrompido antes de dele resulte a morte. (DURKHEIM, 2000, p.14).

Conforme os estudos produzidos por Durkheim sobre o suicídio, é possível identificar as causas sociais que implicam na incidência do fenômeno em determinados grupos e comunidades. De acordo com o teórico,

[...] em vez de enxergá-los apenas como acontecimentos particulares, isolados uns dos outros e cada um exigindo um exame à parte, consideramos o conjunto dos suicídios cometidos numa determinada sociedade durante uma determinada unidade de tempo, constataremos que o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, uma coleção, mas que constitui por si mesmo um fato novo e *sui generis*, que tem sua unidade e sua individualidade, por conseguinte sua natureza é eminentemente social. (DURKHEIM, 2000, p.17, grifo do autor).

Assim como Durkheim, Karl Marx (2006) escreve sobre o suicídio tomando como base os fatores sociais envolvidos na incidência da prática. Seus textos consistem, em maior parte, na tradução da obra de Peuchet, autor com o qual possuía afinidade. No livro intitulado “Sobre o suicídio”, Marx (2006) relata casos de suicídio. A importância da obra está relacionada à questão de gênero, pois, grande parte das vítimas/autoras, são mulheres cujo sofrimento psicológico se instaura por responsabilidade do patriarcado manifesto através da tirania familiar.

A obra trata-se, acima de tudo, de uma crítica à sociedade da época, que retratava como a estrutura das relações sociais é capaz de facilitar a produção de determinados sintomas. Isso demonstra como, especificamente, a sociedade burguesa da época oprimia as mulheres, gerando nelas um sofrimento intenso ligado à compreensão

de não haver perspectiva para se emancipar, o que, por sua vez, contribuía para a manifestação de tendências suicidas(MARX, 2006).

Para Marx (2006), os suicidas são de certa forma pessoas que se encontram em um estado de melancolia insuperável, causada por um longo tempo de tormenta infligida sobre sua existência. Isso provoca a sensação de impotência, refletindo em seu estado psicológico e situação de vida. O suicídio é, portanto, um ato extremo, quando acontece a renúncia do indivíduo a uma existência inautêntica.

Ao apontar as causas que levam algumas pessoas a buscar a própria morte, Marx (2006) explica que os motivos encontram-se nas injustiças. Por isso, ele convida a refletir sobre como a sociedade injusta leva os sujeitos a adoecerem e serem capazes de cometer o ato do suicídio. Para ele,

[...] o suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral, sempre percebida em fatos recentes, da qual tantos combatentes se retiram porque estão cansados de serem contados entre as vítimas ou porque se insurgem contra a ideia de assumir um lugar honroso entre os carrascos. (MARX., 2006, p. 26).

Apesar da enorme diferença existente entre os escritos de Durkheim (2000),na realização de seu estudo sociológico sobre o suicídio, e de Marx (2006), que analisou casos de suicídio narrados por Peuchet, ambos os autores apontam para uma direção em comum na compreensão dessa questão. Isso porque eles enfatizam que a sociedade, sua organização e as formas como se estabelecem as relações de poder influenciam diretamente no estado de saúde mental de sua população.

A cada época aparecem e desaparecem antigas, novas e diversas tormentas sociais às quais todos estão submetidos enquanto sujeitos.Sem o olhar atento sobre o que se passa e a análise minuciosa quanto às condições de vida em que se encontram os indivíduos, não há como estudá-los e determinar os possíveis males que lhes assolam.

Para estabelecer o que oferece risco ao comportamento suicida e ao suicídio aos adolescentes, inicialmente, retoma-se o significado sócio-histórico de ser adolescente, observando os aspectos psicológicos relativos à fase para, então, neste subtítulo, enfatizar a importância da verificação dos componentes sociais envolvidos. Assim, lança-se um olhar analítico que busca interpretar a situação a partir das particularidades do meio e da cultura em que os adolescentes em questão estão inseridos, para que se possa conceber o que lhes faz adoecer.

Através da prática e da experiência advindas do trabalho de campo, a pesquisa revela, de forma transparente, a realidade existente especificamente na população para a qual é dirigida a intervenção. Por isso, exatamente, pode-se efetuar uma prevenção efetiva.

2.4 Sintomatologia suicida na adolescência

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2017), o suicídio é um fenômeno que ocorre em todas as regiões do mundo. Dessa forma, generalizações quanto aos fatores de risco devem ser evitadas, pois a indicação é a de realização de análise contextual.

Dados epidemiológicos brasileiros apontam que a maior taxa de óbito por suicídio no período de 2011 a 2015 é registrada no estado do Rio Grande do Sul, chegando a 10,3 óbitos por 100 mil habitantes (BRASIL, 2017). Quanto às notificações sobre tentativas de suicídio, os dados indicam que a predominância de casos acontece com mulheres na faixa etária da adolescência (10 - 19 anos) e em adultos jovens (20 - 39 anos).

Esse indício expõe a vulnerabilidade da população adolescente e a necessidade de mais investimento em estratégias de prevenção (BRASIL, 2017). Por isso, não falar sobre suicídio fortalece o estigma em relação ao tema. O debate responsável é indicado como medida para a desmistificação e quebra do tabu, auxiliando como atitude preventiva (BRASIL, 2017). Dessa forma, “falar do tema sem alarmismo e enfrentando os estigmas, bem como conscientizar e estimular sua prevenção, pode contribuir para reverter a situação crítica que estamos vivendo.”(BRASIL, 2017, p.01).

O suicídio se configura como uma das principais causas de morte entre os adolescentes no Brasil (BRASIL, 2017). Ele é um problema sério que precisa ser enfrentado e não pode ser designado apenas como competência da saúde pública. São significativos esforços conjuntos que envolvam diferentes esferas e agentes.

A educação é uma das esferas capazes de atuar na modificação desse cenário. Portanto, a escola, os profissionais a ela vinculados e a comunidade escolar como um todo devem ser convidados a pensar quanto à eminência desse perigo e, enquanto coletividade, legitimar iniciativas que possam acolher essa demanda. Dessa forma, de acordo com Pinheiro:

O ambiente escolar é um local ideal para fornecer serviços de prevenção e posvenção de suicídios. Como os alunos gastam uma quantidade significativa de seu tempo na escola, logo eles podem ser monitorados e tratados de uma maneira eficiente e oportuna. (PINHEIRO,2015, p. 49).

Sabe-se que o suicídio é um fenômeno social, mas ele é também um fenômeno multideterminado. Para que a intervenções preventivas sejam bem sucedidas, as individualidades da comunidade e dos sujeitos aos quais as estratégias são direcionadas devem ser investigadas e levadas em conta. Alguns fatores relacionados ao comportamento suicida e ao suicídio na adolescência, considerados como capazes de oferecer risco, são os transtornos mentais, a sexualidade e o *ciberbullying* (PINHEIRO, 2015).

Braga (2013) também elenca o *bullying* como gatilho para os pensamentos suicidas nos adolescentes. Esse tema tem sido bastante discutido no decorrer da última década dentro dos ambientes escolares. Por isso, Pinheiro (2015) chama a atenção para as consequências psicológicas negativas que advêm do *ciberbullying*, que é o *bullying* praticado através das tecnologias de informação, principalmente para casos de vítimas mulheres que têm suas imagens sensuais ou eróticas divulgadas.

Com relação ao suicídio na adolescência, Braga explica que

[...] a decisão de cometer suicídio não ocorre de maneira rápida, sendo que com frequência o indivíduo que comete o suicídio manifestou anteriormente alguma advertência ou sinal com relação à ideia de atentar contra a própria vida. (BRAGA, 2013, p.04).

Sinais como histórico anterior de depressão, dependência de substâncias psicoativas, ou de tentativa de suicídio devem ser observados. Pinheiro (2015) aponta que os transtornos mentais são um fator de risco importante e, ao investigar o histórico individual, a prevenção pode acontecer antes da instalação de um possível novo quadro de crise.

Adolescentes que sofrem de transtornos psicológicos, principalmente de depressão, são considerados mais vulneráveis a cometerem tentativas de suicídio (BRAGA, 2013). Pinheiro (2015) adverte que é importante, aos profissionais da educação, conhecer as sintomatologias do transtorno depressivo, para que a escola seja capaz de fornecer orientação ao aluno e a sua família.

A sexualidade, conforme Pinheiro (2015), está presente em todos os aspectos e fases da vida humana, influenciando tanto a saúde física quanto a mental. Braga (2013) relata que, com relação ao suicídio especificamente, no período da adolescência, se destacam, como possíveis gatilhos, uma história prévia de abuso físico ou sexual e a ocorrência de orientação sexual diferente de seu gênero.

A sexualidade pode ser pensada como um fator de risco quando existem conflitos ou insatisfação quanto à identidade ou à orientação sexual (PINHEIRO, 2015). Ou também quando o adolescente não encontra, em seu meio social, a aceitação para viver de acordo com sua sexualidade.

Os fatores de risco não devem ser analisados de forma descontextualizada. É imprescindível levar em consideração a tendência dos transtornos mentais, da sexualidade e do *ciberbullying* funcionarem como fatores de risco comuns aos adolescentes na sociedade capitalista contemporânea.

O adolescente suicida não tem uma face definida, mas é possível pensar sobre os males que lhe assolam e sobre o seu sofrimento. É necessária a discussão sobre aspectos relacionados ao suicídio na adolescência, tanto para reconhecer os fatores de risco específicos de cada grupo, quanto para elencar fatores de proteção e traçar estratégias de prevenção.

3METODOLOGIA

Este é um estudo social que se configura como pesquisa qualitativa, mais especificamente como estudo de caso etnográfico em educação. Como ferramenta de coleta de dados, desenvolveram-se quatro rodas de conversa, e a análise realizou-se conforme o método de análise de narrativas.

A análise de narrativas é um método que auxilia no entendimento da vida social. Ela é comum em pesquisas qualitativas, sobretudo quando existe trabalho de campo, pois as narrativas emergem de contextos espontâneos (BASTOS, 2015).

Durante toda a realização deste trabalho, observaram-se as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 510/16:

Art. 1º Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. (BRASIL, CNS 510/16).

A responsável pela ocorrência de todas as etapas do presente estudo foi a mestrande, que propôs a efetivação deste projeto enquanto profissional da área da psicologia, contando com a receptividade e apoio da escola, que disponibilizou uma profissional do setor de orientação pedagógica para acompanhar as atividades a serem realizadas.

O principal objetivo da pesquisa foi abordar o tema fatores de risco associados ao comportamento suicida e ao suicídio a partir de assuntos emergentes na adolescência com alunos do Curso Normal de formação de professores em nível médio. Para isso, foram promovidas rodas de conversa, visando identificar como esses fatores de risco se manifestam ou não neste grupo.

Ao todo foram quatro rodas de conversa para efetuar a etapa de coleta de dados. As três primeiras rodas contaram com temas pré-definidos, sendo eles: transtornos mentais, sexualidade e *ciberbullying*. Na quarta roda de conversa, denominada roda de fortalecimento, assuntos anteriormente abordados foram rememorados, havendo abertura para pautas propostas pelos alunos integrantes do grupo.

A pesquisa realizou-se em uma cidade situada na região carbonífera do Rio Grande do Sul, em uma escola estadual, com alunos do segundo e do terceiro ano do Curso Normal de formação de professores em nível médio. Compôs a amostra total de onze alunos, sendo nove do sexo feminino e dois do sexo masculino. Três dos onze alunos ainda não haviam completado a maioridade e necessitaram da autorização dos pais através de termo de consentimento livre e esclarecido para participação na pesquisa. Aos outros nove alunos se apresentou o termo de assentimento livre e esclarecido para formalizar sua condição enquanto voluntários na pesquisa.

As pesquisas de viés qualitativo distinguem-se por centrar-se nos aspectos subjetivos do fenômeno pesquisado, dando ênfase aos comportamentos humanos e aos seus significados. Com relação às particularidades do estudo de caso etnográfico quando realizado dentro do ambiente escolar, esta é uma abordagem metodológica que requer do pesquisador um olhar investigativo (SARMENTO, 2011). Por se tratar de um estudo cultural, ele deve gerar interpretações cujas fontes se encontram nas dinâmicas de ações que se fazem no cotidiano.

A realização de rodas de conversa com os alunos para dialogar sobre possíveis fatores de risco ao comportamento suicida e ao suicídio é uma forma de iniciar a criação de um espaço em que os alunos sejam acolhidos dentro da escola. A atividade é um instrumento que possibilita a produção de dados para pesquisas qualitativas.

Trata-se de uma abordagem com característica investigativa, que busca compreender o fenômeno estudado a partir do sentido dado pelo grupo, o qual é captado pela conversa com os pares (MOURA, 2014). É importante destacar que as rodas de conversa são uma ferramenta promotora de diálogo aberto, que valoriza a participação de cada voluntário, levando em conta seu discurso, o que, por sua vez, culmina na manutenção da saúde mental.

Fazer pesquisa a partir dessa metodologia é uma forma de buscar o entendimento de um grupo sobre um problema ou aspecto social ou humano. Durante as rodas de conversa, é recomendado que o pesquisador foque seu olhar nas categorias que emergem em meio às narrativas, verificando o que a fala dos participantes revela, para, então, nortear seu trabalho (MOURA, 2014).

Bastos (2015) descreve a análise das narrativas como uma técnica interpretativa guiada pelos olhos do pesquisador que privilegia a análise de problemas de pesquisa que são observados através da interação social. Por isso, é uma técnica capaz de dar conta da complexidade de um estudo de caso etnográfico com rodas de conversa enquanto instrumento de coleta de dados.

As rodas de conversa foram gravadas para o auxílio da interpretação dos dados. A análise das narrativas promoveu o aprofundamento da investigação sobre os fatores de risco relacionados ao comportamento suicida e ao suicídionos alunos do Curso Normal, evidenciando singularidades do grupo, trazendo à tona experiências e histórias de vida.

4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

A roda de conversa sobre transtornos mentais como um fator de risco deu início à etapa de pesquisa, marcando o momento do primeiro contato entre o pesquisador e os sujeitos que compunham o grupo. Tratou-se de um momento de ansiedade vivenciado por ambas as partes. Então, para iniciar o estudo, destinou-se um tempo para a realização de apresentações pessoais, a fim de que todos pudessem se conhecer.

Para incentivar a discussão grupal, o termo “Fatores de Risco” foi escrito no quadro da sala de aula onde acontecia a roda de conversa, solicitando-se aos alunos que verbalizassem acerca do termo. As palavras proferidas pelos alunos foram sendo anotadas no quadro à medida que emergiam durante a discussão.

O grupo de estudantes elencou uma série de problemas que julgaram ser capazes de oferecer algum grau de risco e/ou prejuízo à vida. São eles, respectivamente, na ordem em que foram citados: drogas; ansiedade; depressão; pressão/estresse; comportamento agressivo; mutilação/*cutting*; uso abusivo de remédios; álcool; *bullying* decorrente de preconceito quanto à raça, sexualidade, diferenças, ideologia e política.

O diálogo embasou-se nos assuntos-tema mencionados pelos alunos, sempre buscando o enfrentamento de estigmas existentes relacionados à abordagem desse tópicos no ambiente escolar. Ao se romper com o tabu e com a inibição, é possível proporcionar um ambiente favorável ao surgimento da procura por ajuda por parte daqueles que enfrentam algum problema que acarreta sofrimento psíquico.

A proposta de conversar foi bem acolhida pelos integrantes da pesquisa, que se mantiveram interessados e adotaram uma postura participativa, proporcionando fortalecimento grupal. Houve o surgimento de demandas no decorrer da efetivação da pesquisa, demonstrando a eficiência do método proposto enquanto ferramenta de prevenção.

Buscar o entendimento grupal sobre as questões propostas, valorizando a experiência gerada pela convivência no meio social dos alunos, faz muito sentido ao se pensar que os participantes, em sua maioria, eram adolescentes. De acordo com Bock (2007), esta é uma fase caracterizada pela tendência grupal, quando os grupos se

configuram como espaços de extrema importância, desempenhando um papel diferente da família, mas colaborativo para a construção da identidade.

Ao mesmo tempo em que o adolescente espera para se tornar adulto, é preciso descobrir o que o faz tornar-se adulto e se inserir na sociedade como tal (BOCK, 2007). Cada sujeito percorrerá um caminho marcado por certo grau de insegurança que, de certa forma, é atenuado pelo grupo de similares no partilhar das narrativas e vivências. As rodas de conversa geraram diálogos capazes de contribuir para a descoberta da superação de conflitos individuais no sentido do cumprimento da tarefa de tornar-se adulto.

A primeira roda de conversa propôs uma atividade em que o grupo pudesse pensar sobre os transtornos mentais e como identificá-los. Para a realização desse momento, houve a exposição de uma série de imagens e fotos que expressavam, de diversas formas, a manifestação de sentimentos e emoções como tristeza, desesperança, angústia, estresse, medo, abandono, insegurança, solidão, culpa, preocupação excessiva, entre outros. Conforme os alunos visualizavam as fotografias, anotavam atrás dessas as suas impressões e sensações geradas pelo contato com a imagem.

O resultado da atividade foi realmente surpreendente, uma vez que as fotografias favoreceram o surgimento de um olhar sensível, humano e empático, estimulando a capacidade dos estudantes falarem entre eles sobre como cada um expressa seu sofrimento e qual é o reflexo desse sofrimento em seus comportamentos e atitudes. Os trechos de falas a seguir foram retirados das gravações de áudio da roda de conversa sobre transtornos mentais e estão transcritos exatamente como foram verbalizados pelos participantes (sic):

Ansiedade eu acho que tem a ver com querer que aquilo acabe logo, tipo eu não posso ficar muito tempo dentro da sala, eu fico ansiosa para que aquilo acabe, eu fico batendo a mão, batendo a perna. Eu não gosto de estar fechada muito tempo, dentro da sala principalmente. (TAL, Fulano de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

Depois de muito tempo com depressão, ansiedade, ou outros sintomas, a pessoa passa a se sentir sozinha e sentir que ela não tem importância para ninguém, que é melhor estar sozinha do que com os outros. (TAL, Cicrano de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

É impossível quando a pessoa está triste enxergar a realidade em volta dela. A maioria não consegue. (TAL, Beltrano de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

A depressão tem muitas pessoas que falam que conseguiram superar e dizem para as outras que estão assim por falta de Deus. Elas não entendem que alguns conseguem e outros não, alguns precisam de ajuda. (TAL, Fulana de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

Às vezes eu posso achar que o que a pessoa tem não é tão sério, mas pra ela o que ela está passando é um furacão. (TAL, Beltrana de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

Tem gente que diz que depressão é frescura, que é falta de Deus. Então só porque tu tem fé em Deus tu não precisa ir no médico? Já passou essa época de acreditar que Deus curava. Se a pessoa não se tratar e não tomar remédio, ela pode acabar se matando. (TAL, Cicrana de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

É mais fácil para a pessoa que está sofrendo não falar sobre o assunto, guardar para ela às vezes é mais seguro. Se ela falar pra outra pessoa, talvez a outra pessoa vai julgar e dizer que é frescura, que não é bem assim. (TAL, Beltrana de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

Quando algo acontece de ruim em nossas vidas, isso vai refletir em nossa personalidade. Então tu tem que ficar atento, pois se isso acontecer tem que tentar mudar pra melhor, tem que tentar aprender com aquilo, é isso que eu penso. (TAL, Fulano de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

Nas rodas de conversa, mesmo havendo questões-tema previamente propostas, o diálogo pertence ao grupo e deve fluir naturalmente (MOURA, 2014). O falar do outro provoca o surgimento de lembranças que se revelam e compõe o pensamento coletivo, permitindo que a palavra gire.

Quanto às falas expostas, é perceptível que o grupo carrega consigo a concepção de que o sofrimento psicológico provoca prejuízos capazes de gerar quadros de transtornos mentais para quem os vivencia, tratando-se de uma experiência muito particular e íntima. É importante ressaltar que o sofrimento psicológico pode envolver emoções como vergonha, frustração, desamparo, isolamento e muitas outras, porém é predominante a opinião de que a atenção aos sofrimentos psicológicos e sua exposição são passos necessários para o alcance de um apoio adequado.

Com a ocorrência de uma conversa aberta, compreensiva e sem julgamentos, os alunos sentem-se à vontade para debater seriamente e trazem para a roda suas vivências e seus entendimentos, fazendo transparecer os pensamentos coletivos. Permite-se, assim, enfatizar a discussão relativa a uma abordagem multidimensional de cada problema e transtorno mental, proporcionando uma experiência rica e positiva de promoção de saúde mental.

Acerca disso, Costa avalia que:

A promoção de saúde mental tem como objetivo assegurar as oportunidades e recursos iguais para capacitar todas as pessoas a realizarem completamente o seu potencial de saúde, incluindo ambientes favoráveis, acesso à informação, às experiências e habilidades na vida, bem como oportunidades que permitam fazer escolhas para uma vida mais saudável. Nesses aspectos, evidencia-se a aproximação entre a promoção da saúde e a saúde mental. (COSTA, 2014, p. 31).

A segunda roda de conversa teve a temática da sexualidade como fator de risco. Embora pareça difícil ou embaraçoso falar com adolescentes sobre sexualidade, este é um tema sobre o qual se deve falar, tendo em vista que, nesta fase do desenvolvimento humano, existe uma forte influência hormonal que provoca transformações tanto físicas quanto emocionais.

Para promover uma conversa aberta e participativa, cada sujeito utilizou papel e caneta para anotar sua sugestão de pauta a respeito desse tema. Após todos terem escrito, os papéis foram depositados em uma caixa e, então, abertos para dar início a um diálogo sobre o que foi demandado.

Estão transcritas a seguir algumas das frases retiradas do interior da caixa na qual os alunos depositaram suas dúvidas e sugestões, respeitando a ortografia e pontuação original (sic).

Falar sobre sexo hoje em dia é um problema. Pois as pessoas tem vergonha de falar sobre algo tão natural. (TAL, Fulano de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

Por que a diversidade da sexualidade é tão difícil de ser aceita na sociedade?(TAL, Cicrano de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

A importância de conversar sobre educação sexual na escola.(TAL, Beltrano de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

Algum dia a homossexualidade vai ser aceita por todos? (TAL, Fulana de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

Bullying sobre a opção ou orientação sexual. (TAL, Cicrana de. Roda de Conversa 1. Março, 2019).

Apesar da multiplicidade de questionamentos relacionados ao tema, é notória a preocupação do grupo com o preconceito atuando como um fator de risco. Isso é observável ao frisarem a aceitação como algo necessário.

Na adolescência, etapa em que se encontram os alunos, se define a identidade, sendo esse um processo que esbarra em uma série de fatores que incluem o desejo e a

busca da independência como foco central (BOCK, 2007). Essa independência que abarca para sua consolidação a resolução de uma série de conflitos permite, entre outras funções, definir a sexualidade, refletindo também, entre outros aspectos, na capacidade de efetivar escolhas profissionais, conforme exige a sociedade.

Pinheiro (2015) avalia a importância de trabalhar sobre o tema sexualidade com adolescentes, apontando que a inconformidade com atributos de gênero e questões relacionadas à identidade e orientação sexual são fatores de risco. Assim, a escola, ao adotar medidas *antibullying* e políticas antidiscriminatórias, funciona como local de proteção e apoio aos adolescentes.

Os alunos se posicionaram quanto ao combate aos preconceitos relacionados à sexualidade. Eles foram consonantes quanto a tomar como uma medida protetiva a orientação sexual na adolescência de forma clara e sem pudores no ambiente escolar.

A roda de conversa explorou questões relacionadas ao movimento feminista, apontando uma série de comportamentos e ações comuns em nossa sociedade. Além disso, revelou a existênciada necessidade de busca pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, conforme indica a fala a seguir, proferida por um membro do grupo:

Os homens podem expor o corpo e isso não é atentado ao pudor, e as mulheres não podem? A coisa mais normal é ver um homem andar sem camisa. Agora, porque o homem se acha tentado a avançar sobre uma mulher se ela está com um decote? As mulheres não saem agarrando um homem que está sem camisa, não falam que ele está disponível por andar sem camisa, e se a mulher mostrar uma parte do corpo ela está sensualizando. (TAL, Fulana de. Roda de Conversa 2. Março, 2019).

Houve uma quantidade significativa de relatos sobre histórias de agressão contra a mulher, que foram presenciadas ou que chegaram ao conhecimento dos participantes do grupo. Esse acontecimento foi considerado positivo, pois as narrativas subsidiaram a discussão e, ao oferecer escuta aos sujeitos, pode-se, verdadeiramente, fazer um movimento no sentido de atender suas demandas.

Marx (2006) se refere ao ser humano como um ser social, o que significa que os aspectos sociais perpassam o humano moldando os indivíduos. A crítica ética e social aos padrões impostos e estabelecidos culturalmente deve ser feita, pois as causas que levam ao suicídio partem dos males oriundos da sociedade moderna.

O feminismo poderia ser entendido dessa forma como protesto cultural para que as mulheres deixassem de sofrer o que as condições sociais atuais lhe provocam, libertando-se da opressão já enraizada do poder patriarcal. Tudo isso culmina em um mal-estar psíquico capaz de gerar consequências que incluem o comportamento suicida e o suicídio.

No terceiro encontro, com a proposta do tema *ciberbullying*, os alunos já se mostravam familiarizados com a metodologia das rodas de conversa. O termo *ciberbullying* não era conhecido por todos, o que demandou uma explicação prévia, partindo de uma introdução sobre *bullying*. Salientou-se, então, que *ciberbullying* é algo diferente, uma vez que envolve, acima de tudo, a fala sobre internet, tecnologias de informação e redes sociais.

Constatou-se que a internet é uma grande influenciadora na vida dos membros do grupo que, por consenso, afirmaram passar em média de seis a oito horas por dia conectados à rede. Entre as redes sociais mais usadas foram citadas, em ordem de maior uso, o WhatsApp, o Instagram, o Facebook e o Twitter. Outras redes sociais também foram citadas com menor índice de frequência.

Além das discussões pré-definidas para a roda de conversa sobre *ciberbullying*, o grupo realizou uma série de indagações que conferiram profundidade ao nível do debate, entre as quais se salientaram: Como ajudar uma vítima de *ciberbullying*? Quais atitudes a vítima pode tomar que, de alguma forma, lhe protegem das consequências negativas?

A discussão se referiu, principalmente, quanto aos padrões impostos pela sociedade contemporânea através das redes sociais, fazendo com que o grupo encontrasse o caminho para uma reflexão crítica sobre a prática do *ciberbullying*. É importante destacar que isso acontece justamente quando alguém destoa desses padrões, tornando-se alvo em potencial nas redes sociais.

As consequências de ser uma vítima de *ciberbullying* são diversas e podem interferir em aspectos emocionais e psicológicos (PINHEIRO, 2015). Ser alvo de *ciberbullying* é considerado um fator que representa risco e pode gerar consequências sérias como problemas relacionados à autoestima, ao isolamento, à depressão e até mesmo levar ao suicídio.

Desde o primeiro encontro com os alunos, esclareceu-se que, no último encontro, não haveria temática pré-definida, estando sob a responsabilidade do grupo a sugestão de assuntos. Para isso, seriam levadas em consideração as particularidades da região e da comunidade na qual os educandos estão inseridos. Após o encerramento da terceira roda de conversa, os alunos se manifestaram propondo duas pautas: relacionamentos abusivos e aborto.

No quarto e último encontro, a identidade do grupo já estava definida. Não existia mais entre os membros o temor em falar, já que demandas individuais já haviam surgido. Três dos participantes procuraram orientações para obter uma escuta e atenção diferenciada e foram determinados meios para prestar auxílio a cada um dos casos.

Promover o diálogo sobre relacionamentos abusivos forneceu espaço para a retomada do debate sobre transtornos mentais e sexualidade. Para os adolescentes deste grupo, estar em um relacionamento abusivo representa risco ao comportamento suicida e ao suicídio por ser algo que impõe uma situação que envolve forte sofrimento psicológico na vítima.

O relato de uma das participantes do grupo expõe um caso de relacionamento abusivo presenciado por ela:

A gente queria que uma amiga minha ficasse com um cara, só que ela não ficava com ninguém. Ele aparentemente gostava dela, mas ele fazia umas cenas e dava uma forçada. O dia em que eles começaram a namorar ele chegou ao ponto de proibir ela de sair com a gente, ele ameaçava que ia se matar ou fazer alguma coisa para ela e ela achava que isso era normal, que ele fazia isso porque ele gostava dela, até que teve o dia em que eu saí com ela e ele foi atrás dela, começou a xingar e ir pra cima dela, e eu falei que ia chamar a polícia e ele veio pra cima de mim, mas minha mãe estava junto com a gente e falou pra ele sair de perto. (TAL, Fulana de. Roda de Conversa 4. Abril, 2019).

Oferecer, através das rodas de conversa, um ambiente seguro aos participantes para que relatem suas vivências particulares significativas, como o fragmento exposto, cumpre com um dos papéis que a escola deve desempenhar. De acordo com Pinheiro (2015), ela é espaço de auxiliar os alunos a se expressarem emocionalmente. Fazendo isso, torna-se um lugar de referência em acolhimento com potencial para apoiar alunos que estejam passando por momentos de dificuldade.

No segundo momento da última roda de conversa, denominada “Roda de Fortalecimento”, por carregar como objetivo principal fortalecer o trabalho de

prevenção já realizado e os laços grupais então estabelecidos, houve a discussão quanto à prática do aborto. Dar voz aos alunos sempre foi uma das intenções deste estudo desde o início e, mais do que nunca, a participação verbal do grupo foi assídua durante este diálogo. O tema dividiu opiniões quanto à legalização ou criminalização da prática do aborto. Novamente vieram à tona relatos íntimos, como o que segue:

O aborto acontece e as pessoas fingem que não acontece. Acontece de forma ilegal, muitas vezes as meninas morrem. Às vezes um filho atrapalha a vida, eu sou prova disso, minha mãe deixou de fazer muita coisa porque eu nasci, a gravidez dela foi indesejada. (TAL, Fulana de. Roda de Conversa 4. Abril, 2019).

Uma das características da adolescência, para Bock (2007), é a consolidação de vínculos através da formação de grupos. Assim, os membros de um grupo podem dividir inseguranças, angústias e outros sentimentos, pois essa é uma atitude fundamental na construção de relações sólidas. Isso ficou evidenciado no compartilhamento de experiências pessoais com os pares, realizado por alguns participantes do grupo, ao dividirem suas histórias de vida, revelando um indicativo importante da eficácia das rodas de conversa na promoção do cuidado aos alunos.

A quarta roda de conversa se estendeu após duas horas de debate com um momento de confraternização proposto pelos alunos para, solenemente, concluir o trabalho efetivado. Com o término das atividades e com o grupo completamente integrado e a proposta de trabalho tendo sido realizada com sucesso, confraternizou-se com uma refeição coletiva. Esse ato serviu para memorar o acontecimento como algo digno de ser perpetuado enquanto uma experiência significativa no caminho formativo dos alunos do Curso Normal.

O decorrer das rodas de conversa revelou a existência de uma gama de exigências e responsabilidades. Os estudantes, além de se dedicarem a sua formação, precisam lidar com todas as ambivalências características da etapa da adolescência. Isso torna natural a visão de que esse momento pode ser conturbado e instável, havendo muito a se definir e pouco de concreto. Favorece-se, dessa forma, o aparecimento de uma série de questões de ordem multidimensional que percorrem o sujeito e que refletem em sua qualidade de vida, na sua saúde física e mental, podendo incitar riscos.

O suicídio é a morte voluntária, ou seja, um problema de saúde pública cujas causas se encontram na realidade de vida de cada vítima, mas que carregam como fonte

um forte componente social (BRAGA, 2013). Durkheim (2000) explica que, mesmo quando o suicídio é aparentemente justificado por motivos individuais envolvendo problemas familiares ou de autoestima, por exemplo, as altas taxas dessa prática comprovam a existência de circunstâncias sociais.

Conforme apontam os estudos de Braga (2013), o Rio Grande do Sul é o estado do Brasil com os maiores índices de suicídio. Assim, uma das maiores preocupações é o comportamento suicida entre os adolescentes, que incluem, automaticamente, a ideação suicida, que se traduz como o forte desejo de morte acompanhado de ideias de como agir para terminar com a própria vida.

A ideação suicida é o maior indicativo de risco ao suicídio. Sentimentos e emoções comuns aos adolescentes podem servir como gatilho para a ideação suicida (BRAGA, 2013). Bock (2007) concebe a adolescência como uma fase de tormentos e conturbações, uma vez que os sujeitos sofrem com a pressão social que lhes impõe o amadurecimento.

A escola de educação profissional é um local de importância para os adolescentes. Estão nesse espaço para se educarem e dar início ao seu projeto de carreira. Porém, cada sujeito que ali se encontra e está em processo de formação carrega uma história pessoal que pode estar permeada de conflitos ou não, cabendo à escola definir se ofertará espaços de escuta para acolher essas narrativas e identificar possíveis riscos.

Ao optar pelo olhar mais atento e integral e pelo desenvolvimento de ações e projetos de viés preventivo, a escola realiza a escolha de reforçar a autoestima dos alunos e de promover a expressão saudável de suas emoções (PINHEIRO, 2015). Isso reduz o risco de tentativas de suicídio, permitindo que os adolescentes descubram novas soluções para seu sofrimento.

Muitos especialistas compartilham o ponto de vista de que é besteira ensinar aos jovens sobre suicídio explicitamente. No entanto, eles recomendam que assuntos relacionados ao suicídio sejam abordados através de uma ótica positiva de saúde mental. (PINHEIRO, 2015, p.54).

As rodas de conversa criaram um espaço dentro do ambiente escolar em que os alunos do Curso Normal discutiram assuntos polêmicos, considerados potencialmente

nocivos aos adolescentes. A proposta demonstrou a possibilidade de intervenção na escola a partir do estabelecimento de contato interpessoal, promovendo estreitamento de vínculos por meio da experiência grupal. Além disso, ofereceu auxílio às demandas, sendo eficaz no objetivo de ajudar os sujeitos a desmistificarem tabus e preconceitos, diminuindo os riscos e se firmando como um método de se fazer pesquisa favorável à identificação de problemas. Ao mesmo tempo, a prática estabelece apoio, promovendo saúde mental.

Costa (2014) reforça esse ponto de vista ao afirmar que as rodas de conversa são consideradas uma forma de intervenção comunitária e resultam em trocas e aprendizado. Elas reproduzem um espaço de cuidado, concretizando-se como uma forma de prevenção.

Com a pesquisa, determinou-se que os integrantes do grupo manifestavam conflitos relativos às temáticas que foram abordadas nas rodas de conversa. Esse fato foi perceptível ao observar as experiências pessoais verbalizadas, que comprovaram a existência do desejo latente dos participantes falarem e serem ouvidos. A atividade gerou conscientização e crítica quanto aos temas em pauta, contribuindo para o impedimento de consequências negativas advindas de fatores de risco presentes no grupo.

As rodas de conversa enquanto instrumento de pesquisa comprovaram sua funcionalidade como metodologia de investigação, possibilitando a identificação de risco dentro do grupo. Dentre os onze alunos participantes, três deles buscaram contato individual com a figura da pesquisadora, verbalizando terem sido tocados intimamente pelas discussões provocadas pelas rodas de conversa e comunicando abertamente suas demandas pessoais, legitimando seus sofrimentos particulares. Isso confirma o que avalia Pinheiro: “Entende-se por prevenção um conjunto de ações que possam intervir na causa de uma doença antes que ela atinja um indivíduo ou após já ter sido instalada” (2015, p.55).

Verificou-se a eficiência de desenvolver um projeto preventivo no formato de rodas de conversa, pois riscos foram identificados. A partir disso, pode-se oferecer cuidado adequado aos sujeitos que necessitam de uma ação interventiva diferenciada. Inicialmente, foi concedido um acolhimento individual a esses alunos, sendo que o

contato foi realizado dentro do espaço escolar. A partir dessa ação, eles foram informados sobre serviços de ajuda existentes na rede municipal.

Vailant (2016) descreve que os mestrandos profissionais devem abrir caminhos para o desenvolvimento de pesquisas científicas que busquem reinventar e reformular as práticas na educação. Isso deve acontecer através da construção de produtos educativos que agreguem valor na efetivação da prática diária dos profissionais da área da educação.

Após a realização da etapa de pesquisa, decidiu-se por viabilizar a funcionalidade das rodas de conversa como produto educativo, considerando que a atividade desempenhou função educativa e se mostrou eficaz enquanto proposta de ensino que objetivou desmistificação das doenças mentais e o esclarecimento de aspectos relativos aos seus sintomas. Além disso, proporcionou reflexão sobre variáveis biopsicossociais negativas que podem incidir na trajetória de vida, em especial durante a fase da adolescência, tornando observável o grupo de alunos quando existe o risco ao comportamento suicida e ao suicídio.

Seguindo as orientações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e do Ministério da Educação, o produto educacional deve estar em destaque no estudo desenvolvido durante o curso do mestrado profissional. Além disso, ele deverá ser disponibilizado para o uso de outros profissionais da área da educação (VAILANT, 2016). As rodas de conversa, enquanto produto educativo, visam à melhoria da prática profissional na educação profissional, inovando ao propor uma didática capaz de fazer perpetuar a diretriz da atenção integral ao aluno.

Com a evidência do desempenho das rodas de conversa enquanto produto educativo, objetivando o engajamento ao cuidado integral ao aluno, o material será disponibilizado ao público em forma de material didático. Assim, é possível reafirmar a prioridade da pessoa humana como detentora de lugar primordial no planejamento do ensino para a obtenção de uma educação emancipatória e de qualidade.

5 VALIDAÇÃO DO PRODUTO

A validação das rodas de conversa, enquanto produto educativo, aconteceu a partir da aplicação de um questionário elaborado pela pesquisadora aos alunos que compuseram o grupo. O questionário se encontra no apêndice B deste trabalho.

Evidentemente, a etapa de validação do produto observou todas as demais etapas deste estudo, como a CNS 510/16 que dispõe as resoluções éticas brasileiras (BRASIL, 2016). É indispensável a consideração de todos os aspectos éticos ao desenvolver uma pesquisa envolvendo seres humanos, porém, sobretudo, é necessário frisar a importância do sigilo quanto à identidade dos participantes, o que inclui, automaticamente, a identidade da escola na qual a pesquisa foi desenvolvida.

Validar as rodas de conversa enquanto produto educativo significa confirmar sua competência enquanto ferramenta de ensino idealizada para contribuir com a educação de viés integral. Isso porque atua especificamente na manutenção da saúde mental ao propiciar a disseminação de informações a respeito de assuntos emergentes no período da adolescência e associados aos fatores de risco ao comportamento suicida e ao suicídio. As rodas geram autoconhecimento e conhecimento sobre a realidade da comunidade na qual estão inseridos, contribuindo para a formação profissional centrada na pessoa humana.

Oito dos onze alunos do Curso Normal que participaram das rodas de conversa responderam ao questionário de validação do produto, aplicado cerca de um mês após a realização da última roda de conversa. Todas as respostas classificaram as rodas de conversa como interessantes e úteis, julgando que elas proporcionaram a aquisição e o aprofundamento de conhecimentos.

No questionário de validação, os alunos opinaram livremente sobre as rodas de conversa. As opiniões dos oito alunos que responderam ao questionário se encontram a seguir:

As rodas de conversa foram bem construtivas, houve espaço para defender ideias e opiniões, assim como esclarecimento de dúvidas. (TAL, Fulana de. Questionário de validação. Maio, 2019).

Acredito que as rodas foram úteis para nós, pois podemos debater sobre assuntos que não conversamos todos os dias. (TAL, Cicrana de. Questionário de validação. Maio, 2019).

Gostei de ter participado, me ajudou a entender mais sobre o sofrimento do outro, o que é importante para ser um bom professor.(TAL, Beltrana de. Questionário de validação. Maio, 2019).

Muito interessante, pois esclarece diversas dúvidas e ajudou a compreender melhor algumas coisas. (TAL, Fulano de. Questionário de validação. Maio, 2019).

Acho interessante, pois aprendemos mais e falar sobre coisas que não tivemos oportunidade, tirar dúvidas e esclarecer coisas.(TAL, Cicrana de. Questionário de validação. Maio, 2019).

Muito bom. Foram todos assuntos interessantes, de utilidade, principalmente para nós como futuros professores, lidarmos com as crianças e adolescentes. (TAL, Beltrana de. Questionário de validação. Maio, 2019).

Eu achei muito bom, pois não foi uma conversa cansativa, foi agradável e descontraída. (TAL, Fulana de. Questionário de validação. Maio, 2019).

As rodas de conversa foram legais e também um meio de falar e ouvir diversas opiniões sobre os diversos assuntos. (TAL, Cicrano de. Questionário de validação. Maio, 2019).

A incidência dos termos “interessante” e “bom” reforça a ideia de que os temas pré-definidos foram pertinentes e bem recebidos pelo grupo. Duas das opiniões transcritas deram a entender que a abordagem dos temas propostos pelas rodas de conversa no Curso Normal foi de valia, pois agregou na formação enquanto futuros professores.

O retorno obtido através da aplicação do questionário de validação é positivo. As respostas escritas reforçaram os resultados que já haviam sido adquiridos com a observação e a análise das narrativas, comprovando a definição da experiência como satisfatória.

O produto educativo foi denominado “Rodas de Conversa na Educação Profissional: A construção de um espaço de diálogo para preservar vidas”. A opção por essa nomenclatura é inspirada justamente a partir da leitura dos questionários de validação, ao atentar para a opinião do grupo quanto ao trabalho realizado pensando sobre o olhar que cultivaram a respeito da atividade enquanto participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio é um ato extremo em que o autor é também a vítima. Ele comete tal atitude por não ser capaz de encontrar uma maneira de lidar com o seu sofrimento, optando por terminar com a própria existência a continuar a sentir sua dor.

O interesse sobre o tema suicídio é algo crescente, não somente no Brasil, mas globalmente, visto o vasto número de vidas que se extinguem ano após ano por ocorrência dessa prática. Doenças mentais e experiências negativas de vida podem favorecer o aparecimento de conflitos que prejudicam a saúde emocional e motivam os sujeitos a manifestarem tendências ao comportamento suicida e ao suicídio.

Os adolescentes configuram-se como uma população de risco por estarem vivenciando uma fase do desenvolvimento humano que é amplamente conhecida por caracterizar-se como complexa. Dessa forma, para este estudo, escolheu-se o Curso Normal, em que estão em formação alunos que se tornarão profissionais atuantes na área de educação. Discutiu-se com os estudantes desse nível de ensino os fatores de risco que podem gerar comportamentos suicidas e culminar no suicídio, utilizando, para isso, as rodas de conversa.

Propor a realização de rodas de conversa com os alunos é uma estratégia para coletar dados e conhecer intimamente o grupo com o qual é feita a intervenção. Elas funcionam como um instrumento de pesquisa e, ao mesmo tempo, carregam imenso potencial preventivo e, por isso, consolidaram-se como produto educativo fruto desse estudo.

Dessa forma, concretizou-se a intenção de demonstrar que o ambiente escolar é um local possível de ser explorado e utilizado para se pensar em estratégias de prevenção ao suicídio. É importante lembrar que a educação profissional que se constitui em prol da integralidade assume esse compromisso e promove espaços para a discussão de temas relacionados ao comportamento suicida e ao suicídio, abraçando projetos como esse, que tem como característica atender as demandas sociais contemporâneas.

Os alunos que participaram do estudo se identificaram com as rodas de conversa como metodologia de trabalho, adotando uma postura participativa nos diálogos e verbalizando suas experiências. Isso facilitou a identificação da demanda e permitiu

direcionar uma atenção especial a alunos que revelaram estar vivenciando fatores de risco capazes de despertar comportamentos suicidas e o suicídio.

Através de suas narrativas, o grupo apontou e elaborou exemplos de casos de risco ao comportamento suicida e ao suicídio. Assim, comprovaram a hipótese de que transtornos mentais, sexualidade e *ciberbullying* são temas pertinentes entre os adolescentes e devem ser contemplados em um projeto de prevenção.

O produto educativo foi validado e se demonstrou capaz de instruir os alunos quanto aos fatores de risco que geram o comportamento suicida e motivam o suicídio, disseminando informações úteis sobre transtornos mentais, sexualidade e *ciberbullying*. Ao mesmo tempo, essa metodologia oferece escuta às demandas e oferece voz aos membros do grupo, provando ser uma iniciativa que promove saúde e contribui para a formação profissional.

A pesquisa foi norteada pelo pressuposto de valorização da vida, que ambiciona sua preservação e valoriza a obtenção de conhecimentos para o engajamento do cuidado com os alunos da educação profissional. Trata-se de uma educação comprometida com a busca da diminuição de possíveis sofrimentos através do acolhimento e da introdução ao pensamento crítico relativo a questões associadas ao suicídio, as quais são, atualmente, pouco abordadas na área da educação.

Socializar os conhecimentos gerados a partir deste estudo carrega não somente um significado formativo, mas um significado pessoal. Tudo se traduz na existência do desejo íntimo de inspirar novos e diferentes projetos que aspirem preservar a vida dos adolescentes e, de certa forma, auxiliem a guiar sua formação profissional para um horizonte mais humano.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, J.C.; REIS, J.T. **O ensino médio e os desafios da experiência: movimentos da prática**. 1ª edição. São Paulo: Fundação Santillana: Moderna, 2014.
- BASTOS, L.C.; BIAR, L.A. **Análise de narrativas e práticas de entendimento da vida social**. DELTA: Documentação de Estudos em linguística teórica e aplicada. Vol 31, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v31nspe/1678-460X-delta-31-spe-00097.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2019.
- BOCK, A.M.B. **A adolescência como construção social: estudos sobre livros destinados a pais e educadores**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). Vol. 11, nº 1, Janeiro/Junho 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07>>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- BRAGA, L.L.; DELL'AGLIO, D.D. Suicídio na adolescência: Fatores de risco, depressão e gênero. Contextos Clínicos, vol. 6, nº 1. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000100002>. Acesso em: 01 mar. 2019.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução nº. 011 de 22 de dezembro de 2006**. Disponível em: <<http://www.ifsul.edu.br/projeto-pedagogico-institucional>>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2018
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Suicídio. Saber, agir e prevenir**. Boletim epidemiológico, vol 48. nº 30. 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-aten--ao-a-sa--de.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2019.
- COSTA, R.R.O.; FILHO, J.B.; MEDEIROS, S.M.; SILVA, M.B.M. **As Rodas de Conversa como Espaço de Cuidado e Promoção da Saúde Mental**. Revista de atenção à Saúde, v.13, n. 43. RN, 2014. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/2675/pdf_1>. Acesso em: 12 mar. 2018
- DOURADO, L.F. **Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério na educação básica. Concepções e desafios**. Educação e Sociedade, v. 36, nº 131, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302015000200299&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- DOURADO, L. F. **Formação de profissionais do magistério da educação básica: novas diretrizes e perspectivas**. Comunicação & Educação, v.01, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/110712/112709>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia/ Émile Durkheim**; tradução Mônica Stabel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ERIKSON, E.H. **Identidade, juventude e crise**. Zahar editores, 2ª edição, 1976.

MARX, K. **Sobre o suicídio**. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MOURA, A.F.; LIMA, M.G. **A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: Um Instrumento Metodológico Possível**. Revista Temas em Educação, v.23. n.1. João Pessoa, PB, 2014.

PACHECO, E. **Fundamentos Políticos-Pedagógicos dos Institutos Federais: Diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora**. IFRN editora, Natal, 2015.

PINHEIRO, W.R.S. **Comportamento Suicida na Escola: para pais e mestres**. Allprint Editora, São Paulo, 2015.

RAMOS, M.N. **História e Política da Educação Profissional**. 1ª edição. IFPR, Curitiba, 2014

RAPPAPORT, C.R. **Psicologia do desenvolvimento: A idade escolar e a adolescência**. Vol.4. São Paulo, E.P.U Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1982.

SARMENTO, M.J. **O Estudo de Caso Etnográfico em Educação**. Editores: ZAGO, N.; CARVALHO, M. Pinto de; VILELA, R.A.T. Itinerários de Pesquisa – Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação (137-179). Rio de Janeiro: Lamparina, 2. edição, 2011.

VAILANT, C.C.R.; SOUZA, M.J.F.S. **Características dos produtos educacionais desenvolvidos nos mestrados profissionais da região centro-oeste do Brasil**. Anais da Semana de Licenciatura de 2016. Instituto Federal Goiás campus Jataí, 2016. Disponível em:<http://sam.ifgoias.edu.br/jatai/semlic/seer/index.php/anais/article/view/507/pdf_191>. Acesso em: 28 de abr. 2019

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

RODAS DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE DIÁLOGO PARA PRESERVAR VIDAS

O produto educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) é o material didático fruto do estudo intitulado “Rodas de conversa na Educação Profissional: A construção de um espaço de diálogo para preservar vidas”. Realizou-se uma pesquisa que identificou fatores de risco associados ao comportamento suicida e ao suicídio em turmas do Curso Normal de formação de professores em nível médio em uma cidade interiorana da região carbonífera do Rio Grande do Sul.

O produto tem como finalidade apresentar como se desenvolveu o estudo com os alunos do Curso Normal de formação de professores em nível médio em uma escola no Rio Grande do Sul, além de servir de subsídio para o planejamento de projetos de intervenção que tenham a preservação da vida como foco. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, orientada pelas normas fornecidas na Resolução nº 510 de 2016, em que prevalece a ética, tanto a identidade dos alunos quanto a da escola permanecem preservadas no estudo e no produto educacional.

O material é composto por uma breve introdução sobre educação profissional, adolescência, suicídio e prevenção. Além disso, traz a descrição detalhada das rodas de conversa que foram efetuadas com onze alunos do normal, participantes da pesquisa que culminou no estudo já mencionado.

Na roda de conversa sobre transtornos mentais, introduziu-se o termo “fatores de risco” para uma breve discussão e após foram apresentadas imagens retiradas da internet que representavam situações capazes de submeter o surgimento de emoções e sentimentos como medo, angústia, abandono, ansiedade, tristeza, entre outros. Os alunos colocaram legendas nas imagens e a partir disto gerou-se o diálogo.

A roda de conversa sobre sexualidade aconteceu após os alunos depositarem em uma caixa suas sugestões para discussão sobre esta temática, todas as sugestões foram postas para debate grupal.

No terceiro encontro que propôs uma conversa sobre *ciberbullying*, houveram questões norteadoras pensadas para auxiliar na identificação sobre o uso das redes sociais no grupo em questão e a partir de perguntas dirigidas aos alunos surgiram questionamentos que delinearão a interlocução.

Na ocorrência da última roda de conversa, optou-se pela escuta às demandas grupais, os próprios alunos estipularam os temas a serem discutidos, conforme a percepção da necessidade e relevância para o grupo em questão. Esta roda de conversa realiza o fechamento das atividades e por isso precisa retomar assuntos anteriormente trazidos pelos componentes do grupo, realizando o fortalecimento do trabalho efetivado, e oportunizando feedback.

O aporte teórico para a construção do produto educacional foram as seguintes bibliografias, que orientaram o desenvolvimento do material: BOCK (2007), por caracterizar aspectos importantes sobre o período da adolescência; A Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em ciências humanas e sociais; COSTA (2014), que descreve as rodas de conversa como importantes espaços de cuidado com as quais se promove saúde mental; DOURADO (2015), que, em seu texto, traz as novas diretrizes da formação de profissionais do magistério; PINHEIRO (2015), que discute os desafios que os comportamentos suicidas trazem para a área da educação; e RAMOS (2014), que relembra valores históricos e políticos que acompanham a educação profissional.

A importância desse produto para a educação profissional é desenvolver uma atividade de extensão que contribui para o desenvolvimento pleno do aluno. Ele se estabelece como uma forma de diálogo que facilita a visão da escola sobre aspectos característicos da comunidade, engajando-o no cuidado à saúde mental de seus alunos.

Sugere-se que o produto seja operacionalizado por uma equipe multidisciplinar, funcionando como uma ação conjunta entre diferentes setores da escola. Salientando que o profissional responsável por sua execução deve possuir formação em psicologia, pois a psicologia escolar confere a preparação técnica para lidar com possíveis casos de risco que possam surgir no decorrer da realização das atividades com os alunos.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO

Ano: _____ Idade: _____ Data: _____

1. Quanto às rodas de conversa:

A) Você classificaria os conteúdos dos debates como:

 Interessantes. Desinteressantes. Outro. Qual?

B) Você diria que as rodas de conversa lhe proporcionaram adquirir ou aprofundar conhecimentos?

 Sim. Não.

Observação:

C) Você considera que participar das rodas de conversa foi:

 Útil, acrescentou em minha vida. Inútil, não me acrescentou em nada.

D) Deixe registrada livremente abaixo a sua opinião sobre as rodas de conversa.
